

Mariana, decorridos dias, foi a Viseu recolher a herança paterna. Em proporção com o seu nascimento, bem dotada a deixara o laborioso ferrador. Afora os campos, cujo rendimento basta-ria para a sustentação dela, Mariana levantou a laje conhecida da lareira, e achou os quatrocentos mil réis com que João da Cruz contava para alimentar as regalias de sua decrepitude inerte. Vendeu Mariana as terras e deixou a casa a sua tia, que nascera nela, e onde seu pai casara.

Liquidada a herança, tornou para o Porto, e depositou o seu cabedal nas mãos de Simão Botelho, dizendo que receava ser roubada na casinha em que vivia, fronteira à Relação, na Rua de S. Bento.

– Porque vendeu as suas terras, Mariana? – perguntou o preso.

– Vendi-as, porque não faço tenção de lá voltar.

– Não faz?... Para onde há-de ir, Mariana, indo eu degredado?

Fica no Porto?

– Não, senhor, não fico – balbuciou ela como admirada desta pergunta, à qual o seu coração julgava ter respondido há muito.

– Pois então?!

– Vou para o degredo, se vossa senhoria me quiser na sua companhia.

Fingindo-se surpreendido, Simão seria ridículo aos seus próprios olhos.

– Esperava essa resposta, Mariana, e sabia que me não dava outra. Mas sabe o que é o degredo, minha amiga?

– Tenho ouvido dizer muitas vezes o que é, senhor Simão... É uma terra mais quente que a nossa; mas também há lá pão, vive-se.

– E morre-se abrasado ao sol doentio daquele céu, morre-se de saudades da pátria, morre-se muitas vezes dos maus tratos dos governadores das galés, que têm um condenado na conta de fera.

– Não há-de ser tanto assim. Eu tenho perguntado muito por isso à mulher dum preso que cumpriu dez anos de sentença na Índia, e viveu muito bem em uma terra chamada Solor, onde teve uma tenda; e, se não fossem as saudades, diz ela que não vinha, porque lhe corria por lá melhor a vida que por cá. Eu, se for por vontade do senhor Simão, vou pôr uma lojinha também. Verá como eu amanhã a vida. Afeita ao calor estou eu; vossa senhoria não está; mas não há-de ter precisão, se Deus quiser, de andar ao tempo.

– E suponha, Mariana, que eu morro apenas chegar ao degredo?

– Não falemos nisso, senhor Simão...

– Falemos, minha amiga, porque eu hei-de sentir à hora da morte, a pesar-me na alma, a responsabilidade do seu destino... Se eu morrer?

– Se o senhor morrer, eu saberei morrer também.

– Ninguém morre quando quer, Mariana...

– Oh! se morre!... e vive também quando quer... Não mo disse já a senhora D.

Teresa?

– Que lhe disse ela?

– Que estava a passar quando vossa senhoria chegou ao Porto, e que a sua chegada lhe dera vida. Pois há muita gente assim, senhor Simão... E mais a fidalga é fraquinha, e eu sou mulher do campo, vezada a todos os trabalhos; e, se fosse preciso meter uma lanceta no braço e deixar correr o sangue até morrer, fazia-o como quem o diz.

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

– Oiça-me, Mariana: que espera de mim?
– Que hei-de eu esperar!... Porque me diz isso o senhor Simão?
– Os sacrifícios que Mariana tem feito e quer fazer por mim só podiam ter uma paga, embora mos não faça esperando recompensa. Abre-me o seu coração, Mariana?
– Que quer que eu lhe diga?
– Conhece a minha vida tão bem como eu, não é verdade?
– Conheço, e que tem isso?
– Sabe que eu estou ligado pela vida e pela morte àquela desgraçada senhora?
– E daí? Quem lhe diz menos disso?!
– Os sentimentos do coração só os posso agradecer com amizade.
– E eu já lhe pedi mais alguma coisa, senhor Simão?!
– Não me pediu, Mariana; mas obriga-me tanto, que me faz mais infeliz o peso da obrigação.

Mariana não respondeu; chorou.

– E porque chora? – tornou Simão carinhosamente.
– Isso é ingratidão... e eu não mereço que me diga que o faço infeliz.
– Não me compreendeu... Sou infeliz por não poder fazê-la minha mulher. Eu queria que Mariana pudesse dizer: «Sacrifiquei-- me por meu marido; no dia em que o vi ferido em casa de meu pai, velei as noites a seu lado; quando a desgraça o encerrou entre ferros, dei-lhe o pão que nem seus ricos pais lhe davam; quando o vi sentenciado à força, endoideci; quando a luz da minha razão me tornou num raio de compaixão divina, corri ao segundo cárcere, alimentei-o, vesti-o, e adornei-lhe as paredes nuas do seu antro; quando o desterraram, acompanhei-o, fiz-me a pátria daquele pobre coração, trabalhei à luz do sol homicida para ele se resguardar do clima, do trabalho, e do desamparo, que o matariam...»

O espírito de Mariana não podia altear-se à expressão do preso; mas o coração adivinhava-lhe as ideias. E a pobre moça sorria e chorava a um tempo. Simão continuou:

– Tem vinte e seis anos, Mariana. Viva, que esta sua existência não pode ser senão um suplício oculto. Viva, que não deve dar tudo a quem lhe não pode restituir senão as lágrimas que eu lhe tenho custado. O tempo do meu desterro não pode estar longe; esperar outro melhor destino seria uma loucura. Se eu ficasse na pátria, livre ou preso, pediria a minha irmã que completasse a obra gene-rosa da sua compaixão, esperando que eu lhe desse a última palavra da minha vida. Mas não vá comigo à África ou à Índia, que sei que voltará sozinha à pátria depois que eu fechar os olhos. Se o meu degredo for temporário, e a morte me guardar para maiores naufrágios, voltarei à pátria um dia. É preciso que Mariana aqui esteja para eu poder dizer que venho para a minha família, que tenho aqui uma alma extremosa que me espera. Se a encontrar com marido e filhos, a sua família será a minha. Se a vir livre e só, irei para companhia de minha irmã. Que me responde, Mariana?

A filha de João da Cruz, erguendo os olhos do pavimento, disse:

– Eu verei o que hei-de fazer quando o senhor Simão partir para o degredo...

– Pense desde já, Mariana.

– Não tenho que pensar... A minha tenção está feita...

– Fale, minha amiga; diga qual é a sua tenção.

Mariana hesitou alguns segundos, e respondeu serenamente:

– Quando eu vir que não lhe sou precisa, acabo com a vida. Cuida que eu ponho muito em me matar? Não tenho pai, não tenho ninguém, a minha vida não faz falta a pessoa nenhuma. O senhor Simão pode viver sem mim? Paciência!... Eu é que não posso...

Susteve o complemento da ideia como quem se peja de uma ousadia. O preso apertou-a nos braços estremecidamente, e disse:

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

– Irá, irá comigo, minha irmã. Pense muito no infortúnio de nós ambos de ora em diante, que ele é comum; é um veneno que havemos de tragar unidos, e lá teremos uma sepultura de terra tão pesada como a da pátria.

Desde este dia, um secreto júbilo endoidecia o coração de Mariana. Não inventemos maravilhas de abnegação. Era de mulher o coração de Mariana. Amava como a fantasia se compraz de idear o amor duns anjos que batem as asas de baile em baile, e apenas quedam o tempo preciso para se fazerem ver e adorar a um reflexo de poesia apaixonada. Amava, e tinha ciúmes de Teresa, não ciúmes que se refrigeram na expansão ou no despeito, mas infernos surdos, que não rompiam em lavareda aos lábios, porque os olhos se abriam prontos em lágrimas para apagá-la. Sonhava com as delícias do desterro, porque voz humana alguma não iria lá gemer à cabeceira do desgraçado. Se a forçassem a resignar a sua inglória missão de irmã daquele homem, resigná-la-ia, dizendo: — «Ninguém o amarará como eu; ninguém lhe adoçará as penas tão desinteressadamente como o eu fiz.»

E, contudo, nunca vacilou em aceitar da mão de Teresa ou da mendiga as cartas para Simão. A cada vinco de dor que a leitura daquelas cartas sulcava na fronte do preso, Mariana, que o espreitava disfarçada, tremia em todas as fibras do seu coração, e dizia entre si: «Para que há-de aquela senhora amargurar-lhe a vida?»

E amargurava acerbamente a desditosa menina!

Ressurgiram naquela alma esperanças, que não deviam durar além do tempo necessário para que a desilusão lhe acrisolasse o infortúnio. Imaginara ela a liberdade, o perdão, o casamento, a ventura, a coroa do seu martírio. As suas amigas matizavam-lhe a tela da fantasia, umas porque não conheciam a atroz realidade das coisas, outras porque fiavam em demasia nas orações das virtuosas do mosteiro. Se os vaticínios das profetisas se realizassem, Simão sairia da cadeia, Tadeu de Albuquerque morreria de velhice e de raiva, o casamento seria um acto indisputável, e o céu dos desgraçados principiaria neste mundo.

Porém Simão Botelho, ao cabo de cinco meses de cárcere, já sabia o seu destino, e achara útil prevenir Teresa, para não sucumbir ao inevitável golpe da separação. Bem queria ele alumiar com esperanças a perspectiva negra do desterro; mas froixos e frios eram os alívios em que não era parte a convicção nem o sentimento. Teresa não podia sequer iludir-se, porque tinha no peito um despertador que a estava acordando sempre para a hora final, embora o semblante enganasse a condolência dos estranhos.

E, então, era o expandir-se em lástimas nas cartas que escrevia ao seu amigo; invocações a Deus, e sacrílegas apóstrofes ao destino; branduras de paciência e ímpetos de cólera contra o pai; o aferro à vida que lhe foge, e súplicas à morte, que a não livra das torturas da alma e do corpo.

No termo de sete meses o tribunal de segunda instância comutou a pena última em dez anos de degredo para a Índia. Tadeu de Albuquerque acompanhou a Lisboa a apelação, e ofereceu a sua casa a quem mantivesse de pé a forca de Simão Botelho. O pai do conde-nado, segundo o assustador aviso que seu filho Manuel lhe dera, foi para Lisboa lutar com dinheiro e as poderosas influências que Tadeu de Albuquerque granjeara na Casa da Suplicação e no Desembargo do Paço. Venceu Domingos Botelho, e, instigado mais do seu capricho que do amor paternal, alcançou do príncipe regente a graça de cumprir o condenado a sua sentença na prisão de Vila Real.

Quando intimaram a Simão Botelho a decisão de recurso e a graça do regente, o preso respondeu que não aceitava a graça; que queria a liberdade do degredo; que protestaria perante os poderes judiciários contra um favor que não implorara, e que reputava mais atroz que a morte.

Domingos Botelho, avisado da rejeição do filho, respondeu que fizesse ele a sua vontade; mas que a sua vitória dele sobre os protectores e os corrompidos pelo ouro do fidalgo de Viseu estava plenamente obtida.

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

Foi aviso ao intendente-geral da polícia, e o nome de Simão Botelho foi inscrito no catálogo dos degredados para a Índia.